

POR QUE ELAS RESISTEM? AS MULHERES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE BELA VISTA PIATÓ, RIO GRANDE DO NORTE

Maria Clara Correia dias¹
Jéssica de Moraes Costa²

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a resistência das Mulheres Quilombolas da Comunidade Bela Vista Piató, localizada na Microrregião do Vale do Açú, no Semiárido do Rio Grande do Norte. Este é um território interessante para as empresas do Agronegócio da fruticultura irrigada na região, por disponibilidade de infraestrutura, de condições edafoclimáticas e de mão de obra barata. A pesquisa fez parte do Projeto Jetirana: Mulheres, Agroecologia e Direitos Humanos, onde foram coletados dados por meio de oficinas, rodas de conversas, intercâmbios, caminhadas transversais na comunidade, entrevistas estruturadas e formulários. Este processo indicou dois dados relevantes: as mulheres do Piató, resistem as adversidades sociais, econômicas e culturais devido a sua territorialidade, e a necessidade de acesso as políticas específica para estas mulheres.

Palavras-chave: Territorialidade, Quilombolas, Semiárido.

Introdução

O Avanço do Agronegócio no Semiárido do Rio Grande do Norte, representa um grande retrocesso para as mulheres camponesas, agricultoras familiares, de povos e comunidades tradicionais. Em Assú, as mulheres quilombolas da comunidade Bela Vista Piató são atingidas de forma direta e indireta pela exploração e apropriação de suas territórios, pelas empresas da fruticultura irrigada instaladas no município.

Neste contexto, o presente artigo analisa a permanência dessas dessas mulheres da comunidade Bela Vista Piató, mesmo diante das adversidades geradas pelo Agronegócio da Região.

A comunidade Bela Vista Piató localiza-se no município de Assú, na Microrregião do Vale do Açú, no Semiárido Potiguar. O nome da comunidade está relacionado com a sua proximidade à Lagoa do Piató, um dos maiores reservatório de água do Rio Grande do Norte. A comunidade foi reconhecida oficialmente pelo Departamento de Projeção ao Patrimônio Afrobrasileiro da Fundação Cultural Palmares em 2011.

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO(UFRPE), mclaracd@yahoo.com.br

² UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE(UERN), jessica_morais3@hotmail.com

A comunidade Bela Vista Piató está localizada à Oeste da Lagoa do Piató³, e tem como uma das suas principais atividades a pesca artesanal. A Lagoa sempre foi conhecida pela sua diversidade de peixes, porém desde da década de 80, a renovação de suas águas que antes ocorria naturalmente pelo Rio Piranhas, passou a ser renovada apenas pela água da chuva nos períodos chuvosos. Esta mudança do curso da água do rio, ocorreu devido à construção da Barragem Armando Ribeiro, em 1983 pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS, e desde então a Lagoa está sujeita a secas regulares.

Em 2014, a Lagoa do Piató secou, devido ao longo e forte período estiagem que ocorreu entre os anos de 2010 até o início de 2017, após 4 anos a Lagoa que estava seca, voltou à acumular água no período das chuvas, em março de 2017.

Alguns aspectos devem ser qualificado, com relação as condições que ocasionam os períodos de frequente sequidão da Lagoa do Piató. Após a construção da barragem em 1983, e posteriormente a construção do perímetro irrigado Baixo-Açu⁴ em 2002, ambos vinculados à implantação e o desenvolvimento da fruticultura irrigada da região (coco, manga, melão, gramíneas, banana, etc). Desta forma, isto significou a consolidação do Agronegócio⁵ no Vale do Açu e nas outras microrregiões do Rio Grande do Norte.

As áreas visadas pelas empresas do agronegócio no Semiárido Potiguar, são favoráveis ao desenvolvimento do capital, pois possuem condições edafoclimáticas⁶, disponibilidade de água subterrânea, auxílios dos Governos e além das condições de serviços propostas por estas empresas, que ofertam empregos escravos e/ou sem garantias de proteção, ocasionando assim desestruturas sociais, como doenças, exploração infantil e prostituição.

Estas empresas são favorecidas diretamente na construção de grandes projetos no Semiárido, como por exemplo os projetos de irrigação, em que retiram, expulsam e desapropriam agricultores familiares, camponeses, comunidades e povos tradicionais de suas

³ A origem do nome da lagoa do Piató, sabe-se que deriva da língua Tupi Ipia-a-tó que significa “Lagoa da casa ou casa de morada”, é o maior reservatório natural de água doce do Rio Grande do Norte com 18 km de extensão e cerca de 10m de profundidade, suporta um volume de 96 milhões m³ de água.

⁴ DIBA -Distrito de Irrigação do Projeto Baixo-Açu.

⁵ Este projeto hegemônico de desenvolvimento do agronegócio, teve e tem como objetivo maior promover arranjos produtivos, por meio dos pacotes tecnológicos para à produção, trazidos para serem implementados, transferidos e desenvolvidos no Semiárido.

⁶ Referente as características definidas através de fatores do meio tais como o clima, o relevo, a litologia, a temperatura, a humidade do ar, a radiação, o tipo de solo, o vento, a composição atmosférica e a precipitação pluvial.

terras, desvalorizam suas tradições, seus costumes, sua organização social, seus vínculos de compadrio e seu pertencimento ao território.

Outras formas de atuação dessas empresas, é por meio dos cercamento dos territórios dos agricultores, dos camponeses, dos povos e comunidades tradicionais, pela influência dos plantios realizados e os usos de agrotóxicos de forma desordenada que afeta diretamente a agrosociobiodiversidade local.

Elementos teóricos e metodológicos

Esta pesquisa é baseada no levantamento de dados, realizado como parte do “Projeto Jetirana⁷: Mulheres, Agroecologia e Direitos Humanos”. A pesquisa na Comunidade da Bela Vista Piató, foi realizada com 20 mulheres, com duração de 1 ano e 6 meses. Este projeto foi uma parceria entre a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) e o extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), e enquanto executor o Centro de Referência em Direitos Humanos do Semiárido (CRDH/ Semiárido/ UFERSA).

A metodologia utilizada foi por meio de coleta de dados nas oficinas formativas de agroecologia e direitos humanos, rodas de conversas, intercâmbio, vivências, caminhadas transversais pela comunidade, entrevistas estruturadas e formulários.

Desta forma, este artigo explorou aspectos e questionamentos que surgiram no decorrer das atividades do projeto. Por que estas mulheres da comunidade Bela Vista Piató, mesmo diante de tantas adversidades(sociais, econômicas, ambientais e culturais) ainda permanecem na comunidade? Por que elas resistem ?

Neste contexto, é necessário identificar que as mulheres quilombolas do Piató, possuem características da multifuncionalidade (MFA) da agricultura(MALUF, 2002), que ocorre entre a interação nas famílias rurais e os territórios de reprodução social.

As funções da MFA, segundo Cazella, Bonnal e Maluf (2009) são apresentadas por meio de aspectos particulares de cada contexto socioespacial ou territorial, estas funções ocorrem de forma simultânea, paralela e/ou articulada, e uma não anula a outra. As funções referidas remetem a reprodução socioeconômica das famílias rurais; a promoção da segurança

⁷ O Projeto jetirana para o Ministério do Desenvolvimento Agrário- MDA tinha como título Projeto de Produção Agroecológica e Direitos Humanos: instrumentos de fortalecimento da autonomia das mulheres camponesas do Semiárido Potiguar.

alimentar; a manutenção do tecido social e cultural; e a preservação dos recursos naturais e da paisagem rural.

Essas quatro formas de manifestação citadas, quando expressada por povos e comunidades tradicionais, agricultores familiares e camponês, são incorporadas enquanto patrimônio da sociedade.

Desta forma, as mulheres da comunidade Bela Vista Piató, “correlacionam múltiplas funções da agricultura com os sistemas de atividades das famílias rurais, cujas manifestações no âmbito dos territórios são mediadas por dinâmicas sociais, econômicas e institucionais”(CAZELLA, BONNAL e MALUF, 2009).

A construção da resistência destas mulheres, está intimamente ligada a sua territorialidade, pois os seus processos identitários e as suas práticas enquanto Mulher sujeito social e político, seja no âmbito das lutas por terra, contra as opressões e as explorações ocasionada pela sociedade patriarcal, fortalecem o caráter político deste território(GODOI,2014).

Neste contexto, Segundo Silva(2007), podemos identificar que a territorialidade das mulheres quilombolas do Piató, está associada à apropriação social do espaço e às dimensões simbólicas que confere ao espaço-território tendo o caráter de lugar e a noção de pertencimento; a dimensão material que está se referindo ao uso do espaço-território; e a dimensão do poder, que se relaciona com o acesso e com o domínio do espaço-território.

Considerações

Conclui-se que a permanência e as resistências das mulheres quilombolas da Comunidade Bela Vista Piató, são conferidas pela territorialidade que elas possuem. Desta forma, considera-se de grande importância a implementação e o desenvolvimento de políticas públicas que visem o desenvolvimento territorial.

Nesse sentido, aponta-se para a necessidade de continuidade das políticas específicas para mulheres no campo; de incentivo e desenvolvimento da agricultura familiar e camponesa; da garantia do direito à assistência técnica e extensão rural para mulheres, bem como políticas de enfrentamento à violência contra mulher.

Entende-se que o avanço e o desenvolvimento do Agronegócio na Região é garantido pelo Governo, o que interfere diretamente nos processos de reconhecimentos e titulações das

comunidades quilombolas no Rio Grande do Norte, devido aos interesses de expansão da fruticultura irrigada no Semiárido Potiguar.

Referências Bibliográficas

Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/oq/noticias-detalhes.asp?cod=11221>, Acesso em 23/07/2017.

BRASIL. Rio Grande do Norte terá a primeira comunidade quilombola titulada ainda este ano. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/rio-grande-do-norte-tera-a-primeira-comunidade-quilombola-titulada-ainda-este-ano>, Acesso em 27/07/2017.

BRASIL, http://www.dnocs.gov.br/~dnocs/doc/canais/perimetros_irrigados/rn/baixo_acu.htm, Brasília: DNOCS, S/D

CAZELLA, A.A., BONNAL, P., MALUF, R.S. **Agricultura familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. P47 a 69.

GODOI, Emília Pietrafesa de. **Verbetes Territorialidades.** Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa / org., Livio Sansone e Cláudio Alves Furtado ; prefácio, Lilia Moritz Schwarcz ; apresentação [feita pelos organizadores], com a colaboração de Teresa Cruz e Silva.- Salvador: EDUFBA, 2014. p 443 a 452.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. **A questão de Gênero no desenvolvimento agroecológico.** Disponível em plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=16920. Acesso em 16/10/2016.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SILVA, Carlos Eduardo Mazzetto. **Modo de apropriação da natureza e territorialidade camponesa: revisitando e ressignificando o conceito de campesinato.** Revista Geografias Vol.3, N°1. Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2007, p. 46 a 63.